



ARTIGOS LIVRES

Desafios e possibilidades para a Teologia na contemporaneidade pós-moderna

Challenges and Possibilities for Theology in Postmodern Contemporaneity

Desafios y Posibilidades para la Teología en la Contemporaneidad Posmoderna

Antonio Marcos Chagas¹

orcid.org/0000-0001-8425-0338
pemarcos@unicatolicaquixada.edu.br

Recebido em: 20 jan. 2025.

Aprovado em: 25 mai. 2025.

Publicado em: 19 dez. 2025.

Resumo: As decepções advindas dos fracassos do racionalismo, do progresso e da ciência, seguidas das mudanças epocais profundas incrementadas pelas duas grandes guerras mundiais, ensejaram a emergência e a difusão de uma visão neo-nihilista questionadora de certezas advindas de verdades absolutas, de compromissos definitivos e de normas objetivas. O relativismo tem se imposto como o horizonte do não sentido e desafiado as bases da civilização ocidental. O presente artigo, cuja metodologia é de revisão bibliográfica, objetiva conhecer este fenômeno com seus meandros, causas e consequências, (in)consistência e finalidades. Propõe-se também a detectar seus impactos na Teologia e na vida da Igreja, para analisar as possibilidades de uma interação dialógica e colaborativa, sem prescindir de suas convicções e, concomitantemente, não se fechar ao acolhimento. Não há possibilidades de respostas seguras e definitivas, mas um permitir-se corajoso de acolher questionamentos e perguntas para encontrar caminhos percorriáveis.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Teologia. Igreja.

Abstract: The disappointments arising from the failures of rationalism, progress, and science, followed by the profound epochal changes spurred by the two great world wars, have led to the emergence and diffusion of a neo-nihilist perspective that questions certainties derived from absolute truths, definitive commitments, and objective norms. Relativism has imposed itself as the horizon of meaninglessness and challenged the foundations of Western civilization. This article, employing a bibliographic review methodology, aims to explore this phenomenon, delving into its intricacies, causes, consequences, (in)consistencies, and purposes. It also seeks to identify its impacts on theology and the life of the Church, analyzing possibilities for dialogical and collaborative interaction while maintaining its convictions and simultaneously remaining open to acceptance. There are no possibilities for secure and definitive answers, but a courageous willingness to embrace questions and inquiries to discover viable paths.

Keywords: Postmodernity. Theology. Church.

Resumen: Las decepciones derivadas de los fracasos del racionalismo, el progreso y la ciencia, seguidas de los profundos cambios epocales impulsados por las dos grandes guerras mundiales, propiciaron la emergencia y difusión de una visión neo-nihilista que cuestiona las certezas provenientes de verdades absolutas, compromisos definitivos y normas objetivas. El relativismo se ha impuesto como el horizonte de la falta de sentido, desafiando las bases de la civilización occidental. Este artículo, cuya metodología es de revisión bibliográfica, tiene como objetivo comprender este fenómeno, explorando sus detalles, causas, consecuencias, (in)consistencias y finalidades. También se propone identificar sus impactos en la teología y en la vida de la Iglesia, para analizar las posibilidades de una interacción dialógica y colaborativa, sin renunciar a sus convicciones y, al mismo tiempo, sin cerrarse a la acogida. No hay posibilidades de respuestas seguras y definitivas, pero sí una disposición valiente para acoger cuestionamientos



¹ Centro Universitário Católica (Unicatólica), Quixadá, CE, Brasil.

y preguntas con el fin de encontrar caminos viables.

Palabras clave: Posmodernidad. Teología. Iglesia.

1 Introdução

No século XX, frustrações advindas dos fracassos do messianismo inerente ao progresso e à ciência, seguidas das mudanças epocais profundas que decorreram das duas guerras mundiais, ensejaram transformações radicais nas leituras do mundo e da vida. Nietzsche foi o apregoador mais contundente de tais frustrações e porta-voz deste desconforto. Inaugurou-se o fim de uma era. Ao cabo dos anos 60, difundiu-se a visão neo-niilista, que nega a racionalidade referente à história ou à exigência de normas objetivas da natureza que regem os comportamentos humanos, tanto em nível pessoal como interpessoal e coletivo.

A Igreja e a Teologia foram interpeladas por estas mudanças e puseram-se a perscrutar os "sinais dos tempos", em busca de entendê-los e fazer algumas tentativas de resposta. O contexto pós-moderno, essencialmente subjetivo e relativo, tem desafiado qualquer visão de mundo minimamente credível que esteja embasada em dogmas ou verdades absolutas.

O presente artigo buscará, em primeiro lugar, colher as características deste fenômeno cultural e filosófico, feito de provisoriedade e fluidez, a partir de suas causas possíveis e não fixas, de seu conteúdo sem tanta substancialidade e de seus efeitos múltiplos e de difícil categorização.

Na segunda parte, se analisará a Teologia enquanto "ciência sagrada", chamada em causa para conhecer este complexo contexto e se posicionar diante dele, sempre a partir de sua identidade e missão. Portadora de uma Revelação que é a base da sua fé, refletida e testemunhada, a Igreja é convocada a não se colocar à margem do mundo e seus apelos e provocações. Grandes desafios se levantam para tentar equacionar questões que se revelam intrincadas, ante a verdade eterna e o pensamento fluido pela sua consistência líquida. Fiel à sua identidade, a mensagem cristã interpela e é interpelada. Saída de sua "zona de conforto", a "Ciência de Deus" está diante da gigantesca

empreitada de rever sua linguagem, seu modo de abordar, mantendo-se, ao mesmo tempo, fiel à mensagem que não lhe pertence, mas que deve custodiar devotamente. A fidelidade criativa se propõe a ser a resposta de Deus que vem da fé, em linguagem compreensível e acessível ao homem e à mulher do nosso tempo.

Esta pesquisa é de revisão bibliográfica, mas tentará apresentar proposições, tendo por base os autores consultados e a reflexão da lavra do autor deste artigo. Serão propostas algumas pistas ou caminhos percorriáveis para a Teologia cumprir sua missão.

2 A pós-modernidade: identidade de um contexto

2.1 Conceituação e contextualização

No século XX, os contextos culturais e sociais têm sofrido profundas e rápidas transformações após a Segunda Guerra Mundial. Contudo, é preciso entender, ainda que brevemente, a dinâmica das mudanças. Essa nova visão do mundo e da vida ganhou espaço e trouxe consigo uma programação que se difundia de forma incisiva, ao rever mentalidades e seus paradigmas, outrora reputados incontestáveis e estáveis. O pós-moderno foi assim definido por Rosino Gibellini (2012, p. 583):

Pode-se assumir a pós-modernidade como crítica da modernidade e da herança do iluminismo. A pós-modernidade é constituída pela interconexão entre o dado e o novo. A cultura da pós-modernidade colhe o novo do nosso tempo. A cultura da pósmodernidade afirma a subjetividade plural, descobre a diferença, renuncia às grandes narrações da modernidade, pratica o pluralismo e vive a complexidade, correspondendo assim à explosão das tecnologias informáticas. Nas origens da pósmodernidade está o anúncio da "morte de Deus" de Nietzsche, que tira o fundamento último da realidade; os "caminhos interrompidos" de Heidegger, em relação a uma teoria geral do ser; e a virada para o pluralismo da linguagem de Wittgenstein.

De algum modo, a Igreja já havia questionado, a seu modo e dentro de seus princípios de fé, este pretense messianismo salvífico da tecnolo-

gia, da ciência e da razão. Nanni (1986) informa que, nos albores da década de 80 do século XX, Marx e Freud deram lugar aos novos mestres do pensamento: Nietzsche e Heidegger.

Feller (1995) argumenta que o subjetivismo levado às últimas consequências da radicalização ocorre em detrimento da objetividade e que, em tal âmbito, a representatividade, inerente aos regimes democráticos, desprestigia a política. O indivíduo, com seu ego doente pelo fechamento em si mesmo, é portador de uma identidade fragmentada. A sociedade assume-se como uma realidade a-histórica: o passado enquanto memória, o futuro enquanto projeto se diluem em um presente absolutizado, feito de momentos sem conexão, privados de sentido, no abandono existencial. Trata-se do "presentismo", fixação obstinada na sobrevivência cotidiana. Vem à baila um amontoado acritico de orientações culturais modernas, como o hedonismo, o amoralismo, o espiritualismo, o gnosticismo, o materialismo. A busca frenética pela felicidade tenta se preencher destes fatores que só permitem instantes isolados, inconsistentes, fugazes, viciando em doses crescentes de "dopamina" na sobrevivência diária. Conforme argumenta Andrade (1993), a relativização dos valores gera o pessimismo com relação ao futuro, gerando fugas em vez de escolhas comprometidas, levando à perda da solidariedade, substituída pela cínica indiferença e pelo sadismo social que explode no caos da violência.

Os jovens, que são os mais vulneráveis, desistem da razão, cansada e desiludida, ante os apelos sedutores dos "deuses da modernidade", sem história pessoal e coletiva, por não se disporem a viver a renúncia inerente à disciplina e às renúncias para construí-la. Mergulhados em um individualismo crônico, cultivam um danoso subjetivismo, com experiências e opiniões muito próprias, as quais constituem o único critério do bem e do mal, do certo e do errado, da verdade ou da mentira, para, assim, decidir sobre o próprio agir.

Azevedo (2011) apresenta os efeitos dessa mentalidade na dimensão religiosa, ou seja, pro-

liferam seitas e grupos religiosos com foco no poder econômico, verdadeiras empresas, de modo a tornar a fé um mero produto e os fiéis reduzidos a consumidores, em que a "clientela" se acha desprovida do senso de pertença próprio da vida comunitária, sem integração, laços afetivos e solidariedade. Esse mesmo autor prevê que a prática religiosa tenderá a ser cada vez mais "esotérica, sincrética, descomprometida, cósmica e meramente naturalista" (Azevedo, 2011, p. 139). Cada vez mais, a religião torna-se pessoal, particular, e a tendência é que cabe ao indivíduo escolher os produtos religiosos disponíveis, ou criar uma religião para chamar de sua.

Fernandes (2000) argumenta que a democracia se esvazia ante o desinteresse pela coisa pública, na apatia pelos interesses do bem comum, como também do conhecimento da realidade e no esforço em transformá-la.

Essa flexibilização e adaptabilidade fez com que o sociólogo Zygmunt Bauman (2001) criasse a expressão "modernidade líquida", a qual obteve boa aceitação pela sua amplitude semântica. A contemporaneidade é marcada pela fluidez das relações, bem como pela incerteza de cada ação. É impossível saber as consequências dos próprios atos, e as pessoas nem mesmo se preocupam com os males que podem causar. O conceito de liquidez se aplica também à vida social, que se tornou volátil: não há empregos fixos nem comunidades que gerem segurança, apoio e senso de pertença, ou o arrimo de uma tradição ou instituição. A emancipação não é mais um imperativo e a cotidianidade das pessoas não atende ao que a própria sociedade prometia. A luta pela libertação se tornou inócua e sem sentido em um mundo em que as pessoas se sentem livres.

Há dois tipos de liberdade, conforme o autor: uma subjetiva, que é percebida pelo sujeito e o situa no mundo como um indivíduo que se acha livre ou preso; outra objetiva, que se refere à possibilidade de ter acesso ao movimento na sociedade, sem impedimentos para exercer poder sem estar sob domínio de outrem. A individualidade, na modernidade líquida, constitui o imperativo do

ter, na primazia do querer irresistível que impele ao consumo, de modo que o comprar passa a ser um genuíno *modus operandi*. Em função disso, a fugacidade dos interesses e a falta de foco criam um ambiente propício para que as identidades sejam formadas e trocadas com a velocidade com a qual se troca um bem de consumo. O tempo foi além do espaço em importância. A nova forma de dominação acontece mediante a informação e a possibilidade de exercer controle das diversas ações em locais distintos, sem se comprometer com nenhum deles. Costumes, hábitos, tendências, modas, visões de mundo são profundamente influenciados ou até direcionados por tais formas de dominação.

Merecem destaque as informações fornecidas pelas formas convencionais de comunicação, a "grande mídia", e, mais ainda, as novas formas de compartilhamento de informações por meio das redes sociais e demais pontos de conexão virtual, em que a *internet* ganha espaço cada vez maior na vida das pessoas de todas as idades como meio de comunicação distribuído e descentralizado, disponibilizando um volume considerável de informação e entretenimento. O uso impróprio desses meios pode trazer, aos usuários, situações de dependência, em função das crescentes doses de dopamina, podendo levar à patologia e, quiçá, em escala macroscópica, a nível de tornar-se questão de saúde pública. Além disso, as *big techs* fazem uso de sofisticadas ferramentas de monitoramento dos gostos e preferências dos seus usuários, mediante algoritmos e o sistema de rolagem de tela. Parafraseando o Papa Francisco (2024), estamos diante da eminente urgência em despertar o ser humano do delírio fascinante e hipnótico que traz a tecnologia, que pretende ilusoriamente assumir e, para alguns, substituir a inteligência humana por uma série de combinações de algoritmos e códigos artificiais.

Ainda conforme Bauman (2001), o trabalho tornou-se uma rede fluida de insegurança. Inexiste a possibilidade de constituir, ainda que minimamente, uma relação disputável de forças por parte dos trabalhadores. Estes estão à mercê das vontades e metas dos capitalistas. E

a comunidade segue tal fluidez e metamorfose radical, de modo que é tão consumida quanto qualquer identidade líquida.

Chagas (2016, p. 234) resume essas características da atual sociedade: "Uma sociedade secularizada, subjetivista, relativista, laicista, cientificista, tecnicista, consumista e também do show e do descarte põe a rebotalho as forças organizadoras da razão e santificadoras da fé". Mais que uma visão pessimista, trata-se de uma compreensão realista, uma descrição do cenário pós-moderno.

Essa exposição do atual contexto permite visualizar uma panorâmica bem desafiadora para a Teologia e o agir da Igreja no mundo, não somente no que tange ao pastoreio em suas iniciativas formativas, sacramentais, catequéticas e organizacionais, como também à ação evangelizadora, em sua dimensão missionária, dos que estão fora ou distantes da Igreja.

2.2 O pós-moderno e seus impactos na Teologia

A partir do que se delineou sobre a pós-modernidade, importa colher as oportunidades e os limites efetivos para um diálogo frutuoso, em meio a esse contexto com seus desafios, apelos, possibilidades, mormente na reproposta da construção de uma mentalidade e suas atitudes factuais atentas às exigências de um mundo em constantes e profundas transformações, com essas peculiaridades tão únicas. Chagas (2016, p. 234) assevera sobre as características e chances concretas de uma interação com o mundo contemporâneo, ou seja, o atual contexto "abre espaço para o diálogo, mas desafia e relativiza o que essa mesma fé professa. Sombras e luzes, em um grande areópago, se abrem. Sendo a Palavra de Deus sempre atual, também hoje ela joga um papel fundante e doador de sentido para esse tempo". E a Igreja, comprometida com sua missão, vive a "responsabilidade que lhe cabe de modo absolutamente peculiar: a *diaconia da verdade*" (João Paulo II, 1998, n. 2).

Libanio e Murad (2014) constatam que a modernidade, principalmente na representatividade de seus humanistas, foi hostil ao fustigar a religião

católica, outrora dominante. Restou-lhe tentar florescer e frutificar nos pomares seguros dos ambientes eclesiais, em uma postura mais reativa ao mundo e resignada ao ostracismo a ela imposto. A reconciliação se deu no Concílio Vaticano II. Já a pós-modernidade abriu espaço para que a religião se expressasse com uma liberdade de expressão inédita, como também na abertura aos outros ramos do saber, aos diversos tipos de conhecimento, inclusive aqueles que outrora e atualmente lhe fizeram oposição ou questionamentos mais contundentes.

Querelas vividas em tempos pretéritos não são mais "as águas que movem este moinho". Não cabe mais uma afirmação da Teologia enquanto uma "senhora soberana", tampouco, no outro extremo, falar da impossibilidade arbitrária da "Ciência de Deus" em dizer algo sistemático sobre a fé e os costumes. Não são pertinentes as repressões, outrora impostas pela Igreja, aos cientistas, nem, em outra época, dos cientistas à Igreja. A obrigatoriedade do consenso no atual contexto registra-se somente nas ditaduras, ainda que existam riscos que, de forma subliminar ou camuflada, as ideologias se imponham de forma arbitrária e intolerante com quem não lê a sua cartilha.

O ponto nevrálgico na tentativa de diálogo entre a fé e a pós-modernidade é a negação da verdade, especialmente no que tange a aspectos essenciais e constitutivos da essência do credo cristão e, portanto, absolutos e definitivos, como também dos valores inerentes à ética cristã. Quando se pressiona a relativizar tudo, da parte de quem tem fé, a discordância é não só uma opção, mas uma escolha inescapável, uma obrigação que se impõe ao crente.

A complexidade emerge no fato de que o ambiente cultural no qual as pessoas se inserem interpelará os teólogos. Há um consenso a respeito da necessidade de uma profunda abertura ao diverso, tencionando aproximar pessoas e ideias, extirpar os preconceitos e pré-juízos, bem como os rótulos depreciativos. Isso não significa negar, ainda que parcialmente, os pontos fixos da fé e dos costumes. A fé, a filosofia e as ciências natu-

rais não só podem juntas oferecer uma perspectiva mais integradora, como podem possibilitar um conhecimento mais pleno das realidades, além de se capacitarem para responder a tantas questões que emergem na contemporaneidade do coração humano.

Por mais óbvio que possa parecer, urge frisar que o diálogo é uma via de mão dupla. Há uma palavra também a ser dita, que vem da certeza embasada na fé, que se propõe a refletir humildemente o dado revelado, substância da investigação teológica. A afirmação não é uma imposição, mas uma proposição ao interlocutor que se dispõe honestamente a ouvir e perquirir o que lhe foi dito. À Teologia, cabe colher as perguntas dos interlocutores e se lançar no trabalho hermenêutico contínuo, sem acomodações ou adulterações do que já se disse nos corolários da fé. Com efeito, a ciência teológica não pode monopolizar a verdade sem negá-la, nem a reduzir ao que não é, nela introduzindo algo que lhe fosse estranho. Ademais, as verdades da fé formam um corpo unitário, coeso, sistemático, mas que passa por um desenvolvimento sem sofrer alterações na sua essência. A ciência teológica se propõe a desenvolver a doutrina, pois se não é proprietária da verdade, deverá ser-lhe uma serva fiel. Essa verdade foi revelada por Deus, por meio de Jesus Cristo. A Teologia, na sua gênese e na sua essência, é reflexão sobre Deus e tudo quanto a ele se refere, de onde se deduz sua substância teocêntrica, ou, nas palavras de Santo Tomás de Aquino (2020, 1ª parte, questão 1, artigo 7), "deve-se afirmar que tudo o mais de que esta doutrina sagrada trata está compreendido no próprio Deus; não como partes, espécies e acidentes, mas como a Ele se ordenando de algum modo".

É o que encontramos na Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo:

A teologia oferece, portanto, a sua contribuição para que a fé se torne comunicável, e a inteligência daqueles que não conhecem ainda o Cristo possa procurá-la e encontrá-la. A teologia, que obedece ao impulso da verdade que tende a comunicar-se, nasce também do amor e do seu dinamismo: no ato de fé, o homem conhece a bondade de Deus e começa a

amá-lo, mas o amor deseja conhecer sempre melhor aquele a quem ama. Desta dúplice origem da teologia, inscrita na vida interior do Povo de Deus e na sua vocação missionária, deriva o modo pelo qual ela deve ser elaborada para atender às exigências da sua natureza (Congregação [...], 1990, n. 7).

Tendo presente o que foi exposto, parece estranha e contraditória a proposição, supostamente teológica, da assim chamada "morte de Deus", a qual não pode contribuir em nada para o diálogo com o mundo atual em suas várias vertentes econômica, política, social, cultural, científica etc. Os teólogos da "morte de Deus", tais como Thomas J. J. Altizer (1927-2018) Paul Van Buren (1924-1998), William Hamilton (1924-2012) e Gabriel Vahanian (1927-2012), defendem essa morte, dentro do cunho fenomenológico e cultural, no âmbito da cultura ocidental, ou seja, há que se ter um "cristianismo não religioso", um "ateísmo cristão" (Vahanian, 1999), lançaram o movimento "Deus está morto" no bojo da Teologia da Secularização. Conforme Pastor (2003), eles defendem que o sagrado se tornou opaco e ilegível no contexto secularizado, ou seja, o Deus da transcendência fora eclipsado, mas legítimo é o Deus da imanência revelado pelo Jesus histórico, paradigma de uma ética de fraternidade. O Cristo da fé e todo o aparato dogmático defendido pela Igreja são vistos como uma deturpação do cristianismo. Conforme essa concepção, o teísmo convencional e sua crise radical exigem a aceitação da dimensão social e histórica do compromisso fraterno. As categorias do platonismo assumido pelo cristianismo, bem como a dialética aristotélica, deveriam ser substituídas pela constatação empírica da indiferença contemporânea. A fé é desidratada e substituída por um sociologismo religioso, assume vertentes de um humanismo sem Deus. Quiçá, a Igreja tenha sido rebaixada a tornar-se uma "ONG" piedosa, ou nem tão piedosa.

Sabe-se, no entanto, que a meta da fé consiste na compreensão e adesão ao mistério revelado, que se dá pela assimilação do Reino de Deus na sua concretude. A fé exige convicções profundas, exigências interiores solidamente enraizadas que

são fruto do encontro com o próprio autor da fé, o Deus Uno e Trino que se revela na pessoa de Jesus Cristo, pela inserção na Igreja, casa de portas abertas para acolher, povo em saída para viver a cultura do encontro, em um ritmo de crescimento e amadurecimento constante.

O cristianismo, enquanto fé que acontece na história, deverá articular de forma harmônica o que se deve conservar e onde se deve progredir, desenvolver, atualizar essa fé, na perspectiva da construção do Reino de Deus. Ademais, esse Reino se realizará no aqui e no agora de forma imperfeita e somente na bem-aventurança celeste alcançará sua plenitude. Ora, Jesus não anunciou um reino qualquer, mas um Reino em que Deus ocupa o lugar central na história por meio de sua graça, de seu poder e sua Providência. O cristianismo é portador de uma mensagem teocêntrica. Professora a fé no Deus "triuno", grande protagonista da história.

Essa categoria "Reino de Deus" é de grande relevância para a Teologia, devido à sua densidade semântica, doada pela própria Revelação de Deus em Cristo Jesus. Algumas compreensões deturpadas, detectadas nos últimos tempos, sorrateiramente foram desidratando esse conceito, mediante uma sofisticada (des)construção teológica.

O Papa João Paulo II (2004), já no fim do seu pontificado, proferiu um discurso aos membros da Pontifícia Comissão Teológica Internacional, reafirmando a convicção da Igreja:

Desde sempre, a Igreja está convicta de que Deus deu ao homem a capacidade de alcançar, mediante a luz da sua razão, o conhecimento de verdades fundamentais sobre a vida e o seu destino e, de modo concreto, sobre as normas da sua ação reta. Realçar esta possibilidade diante dos nossos contemporâneos é de grande importância para o diálogo com todos os homens de boa vontade e para a convivência nos mais diversificados níveis, numa base ética comum. A revelação cristã não torna inútil esta busca, mas, pelo contrário, impele-nos rumo à mesma, iluminando o seu caminho com a luz de Cristo, em Quem tudo tem consistência (cf. Cl 1, 17).

Bento XVI (2007) fez um importante alerta: em vários círculos de Teologia católica, se fez uma

hermenêutica secularizada sobre o que seja o Reino de Deus. Uma nova visão do cristianismo, das religiões e da história em geral subsidiou uma compreensão bastante atípica e distorcida do Reino de Deus, visando apropriar-se de uma alegada mensagem de Jesus Cristo. Coube ao papa teólogo deslindar as etapas gradativas desse esvaziamento, a saber: antes do Concílio, dominara uma perspectiva eclesiocêntrica, focando a Igreja como ponto central do cristianismo. Na sequência, passou-se para uma visão cristocêntrica e, por consequência, ensinou-se que Cristo é o ponto central de tudo e que a Igreja é fator de divisão a ser descartado. No entanto, alegou-se que não só a Igreja constitui fator de divisão, mas o próprio Cristo também o é, pois, na medida em que Ele pertence apenas aos cristãos, não seria sinal de união de todos. Ato contínuo, passou-se do cristocentrismo para o teocentrismo, pois somente assim o cristianismo se aproximaria da comunidade das religiões. Por fim, esse teocentrismo foi abandonado, pois Deus passou a ser visto como sinal de divisão entre as religiões e os homens e, por isso, deveria ser omitido.

Parece perceptível que os desdobramentos relativistas e suas indefinições criaram essa atmosfera de incertezas em sua plasticidade doutrinal. No entanto, esvaziar a Teologia e dela tentar extirpar o mistério da Igreja, de Cristo e do Deus Uno e Trino significa reduzi-la a uma especulação amorfa, inconsistente, disforme, insossa, esvaziada de sua substância vital. Conforme Bento XVI (2007), o que se pode aferir é o desaparecimento de Deus, pois o que se trata é apenas do homem. Também não cabem ilusões a respeito do interesse pelas tradições religiosas, pois se trata de uma aparência:

Na realidade, elas são vistas como uma quantidade de hábitos que podem ser permitidos aos homens, embora, em última instância, não contem para nada. A fé, as religiões têm apenas como finalidade objetivos políticos. Pois, na verdade, o que conta é única e exclusivamente a organização do mundo. A religião conta apenas na medida em que pode, para esse efeito, oferecer alguma ajuda. [...] A nossa crítica central a esta ideia secular e utópica do reino tinha dito assim: Deus desapareceu. Ele

já não é nem utilizado nem incomodado (Bento XVI, 2007, p. 63-64).

Isolar Deus nas profundezas do nada não favorece nenhum diálogo com os não crentes, muito menos com membros de outros credos. Uma religião "líquida", adaptável a interesses e falácias momentâneas, atende mais a jogos ideológicos, políticos ou econômicos do que aos fins mais elevados propostos por uma fé autêntica.

Quando se perde a dimensão transcendente da fé cristã, ela simplesmente deixa de apontar para o definitivo, por ser engaiolada no aqui e agora da imanência da história. Buscar o transcendente, para alguns, passou a ser considerado uma torpe alienação, na falácia argumentativa que se alimenta de jargões e rótulos depreciativos a quem não compactua na totalidade com tal concepção de que o Reino acontece tão somente no tempo e no espaço, omitindo a eternidade como meta. Além disso, é animado por uma utopia, um sonho de uma sociedade justa, fraterna, ecologicamente correta, do profícuo diálogo religioso, dentre outras ideias afins, na perspectiva ilusória de igualar, em um mesmo plano de valor, todas as religiões. A consequência imediata de tudo isso é que não somente as convicções profundas da fé se desfazem, mas também haverá de arrefecer a necessidade e o entusiasmo em difundir o evangelho, por ser considerado um proselitismo, um suposto atentado à liberdade dos outros. O presumido "diálogo", reduzido à mera escuta, torna-se omissão do anúncio. No fundo, isso contrasta com o mandato do próprio Senhor e Mestre, detentor de toda autoridade sobre o céu e sobre a terra, de fazer com que todas as nações se tornem discípulos e recebam o batismo em nome da Trindade, na observância de tudo quanto Ele, Cristo Jesus, ensinou (cf. Mt 28,19-20). Cabe lembrar o senso de urgência e de dever que Paulo tinha para evangelizar, entendido como uma necessidade, e ai dele se não o fizesse (cf. 1Cor 9,16).

O que se vive, no atual contexto, exige uma dose concreta de realismo e de esperança. A realidade bate à porta da Igreja e exige da Teologia uma postura atenta, fiel à sua possibilidade de

oferecer um sentido de vida a partir exatamente da fé que ela reflete, focada na Trindade-Una que a vivifica e a plenifica. A "morte de Deus", defendida direta e explicitamente por Nietzsche (1987) e por outros filósofos que enveredaram pelo ateísmo, pode ser ressignificada ou revisada conceitualmente como "morte de deus", ou seja, das imagens distorcidas de Deus que foram transmitidas ou captadas por discursos e atitudes dos que professam a fé, e estes devem se questionar sobre quem é o Deus por eles transmitido. Parece oportuna a afirmação dos Padres Conciliares (Paulo VI, 1965, n. 19) a respeito do ateísmo, em que são culpáveis todos quantos evitam Deus e as questões religiosas, assim como aqueles que evitam os problemas religiosos. Há que se considerar que os cristãos têm sua parcela de culpa, pois, ao considerar a existência no interior humano de uma inclinação para a transcendência, deduziram que o ateísmo não é algo inato, ao menos no seu conjunto. Logo, é possível supor que, muitas vezes, a negação de Deus e de sua existência se deva à crítica contra as religiões, mormente a fé cristã, em algumas regiões. Isso posto, a responsabilidade dos crentes se deve ao fato de negligenciarem a educação da fé, ou a exposição falaciosa da doutrina, às faltas na vida moral, religiosa e social. Esses fatores escondem o rosto de Deus e da religião.

Essas grandes questões interpelam a Igreja, na totalidade de suas iniciativas pastorais e missionárias, com intuito de evangelizar, a discernir acuradamente sobre o conteúdo e o método da transmissão da fé, como prevenção de compreensões enviesadas que provêm dos discursos inadequados, ambíguos, anacrônicos, como também da falta do testemunho de vida, o qual jamais deixou de ser um eloquente convite à conversão dos não crentes e até dos membros da Igreja, afastados pelas mais variadas razões. A vida dos santos e santas o comprova de forma incontestável.

A "morte de deus" ou dos "deuses" é uma tarefa proeminente de todos que professam a fé cristã, também para que não venha a acontecer a "morte de Deus" em tantos corações. O subjeti-

vismo radical abjurou a fé e a razão, levou tantas pessoas à escolha relativista dos critérios de bem e de mal, de certo e de errado, independente não só da verdade revelada, como também da racionalidade humana. O indivíduo se tornou a medida de todas as coisas para ele mesmo e até para os outros. Rechaçar a objetividade oferecida pela reta razão e pelo dado revelado acolhido pela fé tem sido um gargalo na reta formação da consciência humana, pois, como afirma São João Paulo II (1984, n. 32) na encíclica *Veritatis Splendor*, a extinção da ideia de uma verdade universal que permita oferecer à pessoa humana a possibilidade de conhecer o bem pela reta razão, leva à perda da concepção de consciência, com sua capacidade de inteligir e aplicar a uma determinada situação os princípios advindos do conhecimento universal do bem, como também exarar um juízo abalizado sobre a reta conduta que se deve ter. O individualismo e seus critérios de bem e de mal e do seu conseqüente agir criam uma ética subjetivista e corrosiva, que se diferencia e até diverge da verdade aceita pelos demais. Na linha dessa constatação de João Paulo II, Chagas (2016, p. 237) arremata: "Quando a vida e o mundo de alguém são provenientes, tão somente, da multiplicidade de forças causais, então a pessoa humana está realmente refém dos instáveis acontecimentos, tempos e sentimentos".

Um dos fatores mais nocivos para os homens e as mulheres na contemporaneidade tem sido o emergir do niilismo em seus efeitos de tendências ao desespero. São João Paulo II leva em consideração a leitura niilista enquanto negação da humanidade da pessoa, como também de sua identidade, ao ponto de levá-la à ambição de poder para derrapar na solidão: "Uma vez que privou-se o homem da verdade, é pura ilusão pretender torná-lo livre. Verdade e liberdade, com efeito, ou caminham juntas, ou juntas miseravelmente perecem" (João Paulo II, 1998, n. 90). "Excluir um quadro unitário de valores – supondo-se que exista – e recusar-se obsessivamente a tentar pautar-se por eles, significa jogar a humanidade na barbárie ou no caos" (Chagas, 2016, p. 237).

O processo de secularização, inerente à pós-

-modernidade, se for mal compreendido ou acolhido sem critérios claros e evangélicos, porta consigo alguns riscos e prejuízos concretos. O desvio pode ser detectado, justamente, no movimento de ir para um outro extremo. A fixação em um ou outro polo nos remete a nocivos extremismos, fomentadores de polarizações.

O primeiro desvio é o transcendentalismo, em seus tons variados de conservadorismos, que variam dos mais leves para moderados, avançando para radicais, ultraradicais, até o ponto de descambar no fundamentalismo. O transcendentalismo consiste na fuga de uma sadia inserção no mundo, renunciatória da tarefa de transformá-lo desde dentro. Trata-se de uma tentativa de retorno ao sagrado, cujo escopo é reagir a tudo quanto não se enquadra em sua régua ou visão de virtude ou de fé, taxado de relativismo, considerado um perigo mortal à fé. A resposta é se impor enquanto antítese radical, a fim de salvaguardar os costumes e conservar tradições. Guardar a tradição, conservar a doutrina na sua pureza mais genuína, enquanto algo bom e justo, correto e necessário. A combatividade dada ao secularismo tende a articular um cristianismo fundado na apologética da crítica e da condenação de tudo quanto não se coaduna com sua linha de pensamento. Percebe-se, outrossim, um certo saudosismo, que remonta aos tempos "áureos" da cristandade e sua zona de conforto para o catolicismo, outrora religião hegemônica. Essa visão da fé católica rechaça ou restringe bastante o diálogo, milita de forma aguerrida e põe-se a afirmar costumes e modos bem definidos e irretocáveis. A defesa dos aspectos doutrinários é radicalizada no bojo de um conservadorismo afeito a detalhes e minúcias. Propor-se-á um Reino de Deus separado da história e sua dinâmica transformadora? Essa pergunta permanece no ar.

O segundo desvio é o imanentismo, que defende a construção do Reino operante e verdadeiro somente na defesa das causas sociais, pessoais, culturais, econômicas e políticas, sem perspectivar a eternidade, o espiritual, o transcendente e a vida interior, omitindo de forma proposital

tudo quanto diga respeito aos novíssimos e à eternidade. A fé é reduzida a um sociologismo, psicologismo e antropologismo perigosamente horizontalista. Os riscos da instrumentalização do cristianismo, por parte de ideologias ateias, poderão desidratá-lo e corrompê-lo.

Para responder a essas questões controversas, é mister pressupor que o cristianismo professa e vive uma fé de peregrinos rumo ao Céu, à pátria eterna, objeto de desejo e realização plena. A bem-aventurança, em sua plenitude, acontece na eternidade, e não no mundo presente. Erro grave seria entender que a verdadeira felicidade se daria no aqui e agora da história, em que uma suposta "justiça social" resolveria todos os problemas. Se o Reino de Deus se realizasse só com justiça social e bem-estar, o Céu na terra já deveria ter chegado em alguns países da Europa e da América do Norte, onde o Índice de Desenvolvimento Humano é bastante alto. Mas não é assim que acontece!

Há que se buscar uma síntese no equilíbrio e na harmonia entre o aqui e o lá, o agora e o eterno, o "por enquanto" e o "para sempre".

Esses aspectos críticos e controversos da contemporaneidade, que foram trazidos à baila, exigem um passo adiante. Importa inquirir com mais especificidade qual será o papel da Teologia, a fim de que a reflexão sobre o mistério seja mais apropriada para os tempos modernos.

3 O pós-moderno e a missão da Teologia

A Teologia consiste em um conhecimento evangélico de Deus que envolve algum estudo ou atividade intelectual, o qual, por sua vez, é colhido da cultura, do instrumental cognitivo expresso na língua, no alfabeto, na literatura, nos costumes, nas visões de mundo etc. Esse estudo consiste em um inteligir específico, aceito e aplicado na sua plena autonomia. Na condição de sabedoria divina, a Teologia está enraizada na graça da Revelação e no dom do Espírito Santo para considerar, de forma sistemática e no rigor do método, as verdades fundamentais da Bíblia e da Tradição. A análise se realiza mediante a razão

humana que, em um processo contínuo, verifica os conteúdos da fé e os comunica. Tal ação é realizada pelos teólogos e pela Comunidade Eclesial. A Teologia reflete e aprofunda sistematicamente a Revelação de Deus, cuja perfeição consiste no conhecimento da caridade divina presente na intimidade do Pai, em cujo seio repousa o Verbo. Essa comunhão infinita realizada pelo Espírito Santo se revela no Filho eterno, que é a Revelação perfeita e total do Deus Uno e Trino, sobretudo por meio da encarnação do Verbo e toda a sua dinâmica vitalizante de sua *kénosis* (humilhação total), coroada com a oferta de vida dele feita na cruz. Revelada estava a verdade que se entende como essência de Deus.

A Teologia, conservando o depósito da fé, sua base indispensável, avança em suas investigações por meio de novos enfoques, ou seja, novas perspectivas, não na abordagem de meros temas. A "Ciência de Deus" está em articulação dialética, a ser lida com realidades que são distintas, mas que se complementam: história e Palavra; o histórico e o transcendente; os momentos e a Revelação. Essas categorias dão as coordenadas para que a Teologia desenvolva sua tarefa, de cunho eminentemente hermenêutico, a respeito da divina Revelação. Para tanto, a consciência crítica sobre a práxis eclesial e histórica (com suas mediações espaciotemporais) permite, à luz da Palavra de Deus, perscrutar a complexidade, a riqueza e a inquietação presentes na existência humana.

Isso posto, como argumentam Sattler e Schneider (2012), foi feito o uso do pensamento grego, colhendo sua criticidade metodológica, e os Padres da Igreja fizeram bom uso dessas ferramentas na elaboração doutrinal, em prol de uma compreensão sistemática dos dados da Revelação. Desta feita, o encontro entre o dado revelado e o aparato semântico fornecido pela língua grega fez com que a doutrina sobre Deus na reflexão cristã salvaguardasse sua ortodoxia.

Adolf Harnack (1851-1930) "excluía toda e qualquer cristologia eclesiástica como fruto do pensamento grego" (Gibellini, 2012, p. 14). Nas palavras do próprio (Harnack, 1980, p. 215), "toda cristologia

eclesiástica passa longe da personalidade concreta de Jesus Cristo". Essa concepção constitui uma provocação ao mesmo tempo instigante e redutiva. Considere-se que esse esforço em definir as verdades da fé, com clareza, se deu em função das tantas deturpações dessas mesmas verdades, que surgiram nos primeiros séculos e no curso da história até os dias atuais. Os textos bíblicos não definiram com total clareza certos elementos teológicos a respeito de Cristo Jesus e da Trindade, sobretudo em função de terem sido textos compilados em outro contexto e com outras finalidades. Os Padres da Igreja fundamentaram e registraram a doutrina em sua ortodoxia, embasados nas Sagradas Escrituras abundantemente citadas, de modo que, da Bíblia, hauriram os conteúdos e princípios para alicerçar essas verdades em bases sólidas, posteriormente sistematizadas.

No medievo, a tipificação argumentativa dos escolásticos focava nas propriedades divinas. O conteúdo era de tal maneira substancioso que não dava margens para uma contestação. Vinha à baila uma compreensão de Deus na sua unicidade e na comprovação de sua existência, a partir da especulação. Os grandes escolásticos, sobretudo Santo Anselmo de Aosta e Santo Tomás de Aquino, notabilizaram-se pelo esforço de provar a existência de Deus a partir da filosofia (Anselmo de Cantuária, 1979; Tomás de Aquino, 1ª Parte, questão 2, artigo 3; Boehner; Gilson, 2012). Parece importante e seguro considerar o argumento do Aquinate: "A verdade não é relativa enquanto resultado subjetivo de uma análise do real, senão valor objetivo enquanto fruto de uma relação real de adequação do intelecto e da coisa. Não é invenção do intelecto, nem resultado de uma reflexão sem o fundamento real" (Tomás de Aquino, 2020, 1ª Parte, questão 16, artigo 1).

Duque (2016, p. 87) é do parecer que a seara teológica encontrou sua lavoura de plantio e de colheita no esforço de responder às perguntas surgidas em cada tempo, em que tensionavam a fidelidade ao dado revelado, sua fonte e o contexto em que essa Revelação é comunicada, na qual "a pertinência universal do acontecimento

crístico – e, nele, de toda a História da Salvação –, nunca poderá deixar de recorrer às medições da linguagem e do pensamento de cada época". Conforme argumenta Castillo (2015), tornou-se urgente pôr em foco o fundamento último da fé, o qual, do ponto de vista da Teologia, deveria rever suas bases. Tudo quanto Cristo revelou, ao ser assumido no reto uso das categorias filosóficas gregas para sistematizar o mistério, não deveria comprometer o frescor de sua beleza, verdade que resplandece. Não se tratava, portanto, de um esforço de converter algum descrente. Castillo (2015, p. 121) defendeu que "o pensamento bíblico não é um pensamento metafísico, mas antes de tudo um pensamento histórico", pois o sistema metafísico seguia uma direção ou argumentava de tal forma as verdades sobre Deus, de maneira a apresentar uma compreensão distinta da que era feita pela Revelação.

Theobald (2006, p. 211) afirmou que a Revelação "não se centra em saber o que é Deus ou o que é Jesus, mas o que acontece ou o que sucede quando Deus ou quando Jesus se torna presente na vida de uma pessoa, na história de um povo, de uma instituição, de uma cultura".

Vattimo (1985) defende que a crença em Deus se tornou possível quando o ateísmo, enquanto atitude filosófica, tornou-se desnecessário, tendo presente a "morte de Deus", entendida dentro dos postulados da metafísica, a qual deu um fundamento definitivo à realidade baseada na essência do ser. Não se tomava mais Deus como fundamento último. Esse mesmo autor argumenta que o pensamento pós-moderno não é mais devedor da tradição judaico-cristã, focada no real enquanto criação e história da salvação, o pensamento pós-moderno se liberta, realmente, da metafísica objetiva, do cientificismo, e passa a ser capaz de corresponder à experiência da pluralidade de culturas e da historicidade contingente do existir. Jünger (1982) argumenta sobre a necessidade de que o cristianismo se despeça da metafísica, impelido pela ideia da morte de Deus, a qual é ponto de chegada e superação da metafísica ocidental. Falar de Deus sem enquadrá-lo em um invólucro idólatrico do

pensamento e da linguagem é possível em uma perspectiva pós-metafísica, também chamada de pós-moderna. Duque (2016, p. 98) assevera, oportunamente, que "falar da morte de Deus na metafísica significa falar na morte do Deus da metafísica. O que não significa falar da morte de Deus pura e simplesmente". Esse autor arremata: "De fato, a outra origem desse termo concebe Deus não exclusivamente sobre nós, mas sobretudo entre nós" (Duque, 2016, p. 98). Essas ponderações esclarecem o que vem a ser esse polêmico conceito, a fim de que dele se tenha a devida compreensão.

A partir do argumento defendido por esses autores, pode-se afirmar que, no medievo, a chamada Teologia Escolástica enveredou por um tipo de abordagem que teve início com os influxos da filosofia grega na reflexão cristã dos primórdios, que levou a uma compreensão ontológica de Deus, que punha na sombra o agir revelador e dinâmico na história, isto é, o seu "existir" dinâmico, interativo. Nesse sistema, Deus era determinado pelo pensamento lógico-filosófico, e não pela imagem apresentada por Jesus de Nazaré. Deduz-se que a história da Revelação era o que importava, assim como o acontecer tinha toda a premência e importância, no âmbito do existir na história. As especulações sem as experiências na sua facticidade pareceram vazias, inúteis. Em suma, teve-se uma contraposição entre ser e existir, entre o que se é, na sua essência, e o que se vivencia enquanto acontecer, enquanto lançar-se dinâmico no tempo e no espaço. Essa historicização radical reivindicou a negação da metafísica.

Defende-se aqui o parecer de que inexistente contradição entre a essência, o que se é em si, e a existência, o que se vai construindo na história, no *vir-a-ser* do lançar-se adiante, do projeto em andamento, do "sendo" de cada pessoa.

É preciso enveredar para uma síntese. A metafísica deu bases importantes para a reflexão teológica, até mesmo com suas conexões interdisciplinares com a filosofia. Além dela, foi preciso dar a devida importância às contribuições inovadoras das perspectivas históricas e

críticas, dos estudos comparativos, além das perspectivas interdisciplinares com as ciências humanas, entre outras, além da filosofia. Tais contribuições recentes agregaram valor à reflexão sobre Deus: como nos primórdios, a Igreja primitiva ofereceu os textos do Novo Testamento e os Padres da Igreja legaram ao Povo de Deus a riqueza de suas densas reflexões. Cada etapa da evolução no processo da construção da reflexão teológica teve suas peculiaridades, as quais se completaram exatamente por serem distintas, mas enriquecedoras em suas especificidades. Incogitável seria que tal complementaridade não pudesse acontecer em colher a impassibilidade e unidade de Deus em sua transcendência por um lado (o da metafísica) e um Deus que se revelava na história e participava da vida de seu povo (pela moderna exegese focada na história da salvação e seu aparato técnico de hermenêutica).

Ora bem, os Padres Conciliares, em um dos documentos (Paulo VI, n. 16), seguiram uma linha de acolhida de vertentes antigas e atuais. Esses prelados declararam que os mistérios da salvação deviam ser expostos e aclarados mediante a especulação, sob a guia de Santo Tomás de Aquino. Entre esses mistérios da salvação, o teólogo deveria captar-lhes os nexos, na liturgia e na vida da Igreja. Em outras palavras, o que se celebra e o que se reflete devem confluir harmonicamente, pois o que se estuda e se investiga na pesquisa teológica se atualiza na celebração. De forma ampliada, a vida da Igreja, como um todo, é também lugar teológico, pois nela a história da salvação acontece e se renova, transfigurando e ordenando para Deus a história humana. O mesmo texto entende ser imprescindível colher, da Revelação divina, os itinerários possíveis para solucionar os problemas humanos, dos quais as verdades eternas, a serem anunciadas convenientemente aos contemporâneos, são aplicadas à condição mutável das coisas humanas.

Deduz-se que não há sentido em descartar a reflexão que se fez de Deus na linha da metafísica, separando-a ou antagonizando-a dos conteúdos da Revelação colhidos da exegese bíblica, principalmente nas análises históricas e

críticas. Se, com a primeira, o foco era provar a existência de Deus de um ponto de vista racional, como também argumentar de forma sistemática as atribuições divinas, com a segunda, tiveram as contribuições inerentes aos dados bíblicos, a tradição patristica e toda a sua riqueza, como também os métodos comparativos entre as religiões, o princípio histórico-crítico. Deus, nessas perspectivas, pode ser compreendido a partir de enfoques distintos, mas complementares.

Os Padres Conciliares, como se disse antes, defenderam a importância da especulação, tão própria da Escolástica, justamente para expor e esclarecer os mistérios salvíficos. Ainda mais, Santo Tomás de Aquino foi apresentado como guia seguro. Além disso, a liberdade de reflexão dos teólogos é salvaguardada pelo próprio mister que lhes foi confiado, contanto que mantenham a fidelidade à verdade revelada, acolhida e ensinada pela Igreja. Isso não significa afastamento das outras religiões e das pessoas em geral, mas constitui a salvaguarda de um autêntico diálogo.

O teólogo francês Claude Geffré (2004) buscou compreender o desafio fundamental da Teologia na sua tarefa hermenêutica, capaz de corresponder à experiência histórica contemporânea, especialmente no que tange ao pluralismo religioso. Esse autor reconheceu o risco da interpretação e se propôs a fazê-la sob um novo ângulo, a saber, a fé e a interpretação se articulam e harmonizam. Ele defendeu que o pluralismo religioso era como um paradigma teológico e se punha a analisar o problema do fundamentalismo religioso. Ocorre haver coragem e lucidez para abordar estes temas e manter o foco na conjunção a ser construída entre a fé e o esforço hermenêutico. Falou-se da importância de dialogar com o mundo moderno, ou pós-moderno, e que essas formulações envolvidas em categorias metafísicas fossem incompatíveis com os novos horizontes de compreensão.

Em resposta a isso, urge esclarecer que o diálogo com a pós-modernidade, em suas vertentes de cabal rejeição da verdade objetiva, não constituiu para a Igreja, e mormente para a Teologia católica, uma imposição em termos

de concordância ou adequação obsequiosa. O que, então, o cardeal Ratzinger (2005) chamou de "ditadura do relativismo" constituiu um rompimento com a liberdade da escolha da verdade nas suas possibilidades inerentes à objetividade e seus pontos fixos que salvaguardaram a possibilidade de afirmar princípios estáveis, absolutos. É grande erro chamar de fundamentalismo ter e defender uma fé clara e grande erro é abraçar o relativismo, deixando-se levar por qualquer vento de doutrina (Ef 4,14) como única atitude plausível por, supostamente, estar à altura dos tempos atuais. Libanio e Murad (2014, p. 154) foram bastante realistas sobre o conceito de verdade:

Não é reflexiva nem voltada para a transformação da realidade, e sim pragmática. Mede-se pelos resultados, em termos de eficácia numérica. A verdade é aquilo que dá certo, que confere vantagem ao protagonista, mesmo que seja eticamente deplorável ou insustentável em longo prazo.

Superadas as visões relativistas, importa buscar as vias possíveis para acolher a realidade e o seu pluralismo, colhendo-lhe as chances e desafios. A consciência crítica sobre a práxis eclesial e histórica (com suas mediações espaciotemporais) permite, à luz da Palavra de Deus, perscrutar a complexidade, a riqueza e a inquietação presentes na existência humana. Aquilo que Libanio e Murad (2014, p. 28) chamam de "diálogo interno da verdade" não poderá ser renúncia ao que se crê e aos princípios racionais fundantes e basilares, como também da ética cristã. É certo que, na Teologia, importa haver a despretensão em absolutizar as propostas teológicas; antes se atenha à provisoriedade das reflexões, pois as mudanças são profundas e rápidas, e exigem periódicas revisões da literatura teológica, conforme atestam os autores:

Esta agilidade produtiva oferece à teologia chances inauditas de acompanhar o pensamento atual em suas vicissitudes com produções sempre novas e renovadas. O envelhecimento rápido dos produtos teológicos não permite a preguiça hermenêutica de ninguém. Do contrário, o risco de perder a condução da história agiganta-se e a teologia acaba ocupando logo alguma estante de museu, frequentado por curiosos do passado, mas não

por interessados de sua força evangelizadora presente (Libanio; Murad, 2014, p. 28).

Na esteira do pluralismo, a dinâmica da diversidade gerou inúmeras teologias, nas quais se acolhe a tendência de compreensão da multiplicidade de elementos de realidades temáticas abordadas a partir de um sentido religioso. Não se nega que a Teologia se vê instigada pelas diferentes matrizes modernas de filosofia e das ciências humanas. Essa diversidade se nutre justamente do pluralismo, cujo alcance abrange a própria estrutura interna do inteligir atento e perspicaz. A força da verdade porta consigo o incômodo da profecia. Pertinente é ter presente essa afirmação: "Se, por um lado, a cultura pós-moderna questiona a fé, por outro, o desafio da fé é tornar-se questionadora da cultura, jamais perdendo sua vocação, seu conteúdo e sua identidade" (Azevedo, 2011, p. 136). Queiruga (2003, p. 62) afirma que é preciso "retraduzir o conjunto da teologia dentro do novo mundo criado a partir da ruptura da Modernidade". A meu ver, irretocável é o desfecho feito por Azevedo (2011, p. 136) em sua análise:

O que não podemos é perder a essência do que a teologia carrega e, conseqüentemente, a identidade do cristianismo. A teologia precisa responder aos mais diversos interlocutores de nosso tempo. Sem jogar fora nossos elementos fundantes, provindos da tradição, somos desafiados, então, a atualizá-los, pois não há respostas prontas ou pré-fabricadas pela teologia para todas as questões da vida atual.

A fidelidade criativa acontece no esforço hermenêutico da Teologia em prol da compreensão do contexto atual em sua diversidade, base para o diálogo que se prospecta e se espera. O diálogo com as diversas religiões e com o mundo contemporâneo permanecerá um instrumento necessário para uma interação efetiva. Nele, a Igreja se colocará em uma dimensão propositiva, cuja densidade persuasiva está associada à capacidade argumentativa, corroborada pelo testemunho evangélico. A escuta não obriga a Teologia ao consenso ou a uma suposta "unanimidade". Com efeito, se o interlocutor propuser algo incompatível com os princípios pétreos da

doutrina e da ética cristã católica, o cristão-católico pôr-se-á como servo da Verdade, aderida pela fé. A linguagem e as temáticas requerem este compromisso de engajamento ativo por uma fidelidade à missão de anúncio e de formação de tantos se disporem a ser discípulos de Cristo Jesus, tendo em vista alcançar a salvação por meio da conversão do coração (Mt 3,12; 28, 17-20; Mc 1,15; 16,15; At 1,8).

Seguindo o argumento de Faitanin (2006), não há respostas prontas para esse colossal desafio de tentativas de um diálogo com um mundo marcado pela indiferença e pelo naufrágio da razão, sobretudo as razões últimas para um sentido à vida. A rejeição da verdade objetiva porta consigo agravantes arriscados, porque se inexistente o verdadeiro, livre e absoluto entre as pessoas, as verdades pessoais, advindas das próprias experiências, fazem com que tudo se torne aparente ao indivíduo. Sem bases que ofereçam critérios factivos e razoáveis para distinguir a verdade da mentira, o certo do errado, faz com que nada se ponha em comum e cada pessoa será a medida para si própria, proporcionando uma contradição de tal magnitude ao ponto de inviabilizar a vida em comum, a partir da incapacidade radical de criar as interações mais basilares. A contradição chega ao ponto de que a absolutização dos próprios pontos de vista, com uma objetivização engendrada a partir das próprias visões e critérios muito próprios, daria prevalência à lógica do mais forte, do mais influente e, quiçá, do mais opressor para se impor de forma truculenta e autoritária. Talvez a humanidade rumasse para o caos e o vazio.

Por lúgubre que seja o quadro apresentado, carregado de realismo, mais que de pessimismo, ocorre oferecer algumas atitudes que não visam oferecer respostas prontas, mas percursos de esperança e atitudes de abertura:

É preciso que o diálogo seja respeitoso e sincero, construído antes de tudo na acolhida das pessoas, mais que na rejeição de suas ideias e compreensões. Manter-se como Igreja, casa de portas abertas para ir ao encontro ou, dentro do aconchego do lar, para acolher quem chega,

deixar feliz quem parte, pode ser uma forma eficaz de criar pontes. Importa cultivar a mística contemplativa do mistério de um Deus que é comunicação e comunhão, caridade infinita no seu "Ser Família", em que a unidade perfeita da mesma essência divina encontra seu motor na diversidade das Pessoas (Jo 17,21). Na força dessa experiência mística, anunciar e testemunhar como binômio estratégico de atuação fecunda. Quanto mais a Comunidade Eclesial se colocar na busca incessante de viver a unidade na caridade, tanto mais suscitará aquela saudade de Deus que é Amor, ou seja, é preciso continuar acreditando na força persuasiva do testemunho que cativa e questiona (cf. At 2,47). Todavia, a força da verdade porta consigo o incômodo da profecia. Pertinente é ter presente essa afirmação: "Se, por um lado, a cultura pós-moderna questiona a fé, por outro, o desafio da fé é tornar-se questionadora da cultura, jamais perdendo sua vocação, seu conteúdo e sua identidade" (Azevedo, 2011, p. 136).

4 Conclusão

Ao longo deste artigo, buscou-se abordar o tema, complexo, desafiante e com suas possibilidades para a Teologia, no contexto de uma contemporaneidade pós-moderna.

Partindo de uma tentativa de compreensão desse fenômeno cultural, social, antropológico e filosófico, houve, no presente artigo, uma busca de conceituar e contextualizar essas visões de mundo e os itinerários por ela engendrados, nem sempre retilíneos, marcados por escassa certeza e rumos sem muita definição. O crepúsculo da modernidade, cujo arrimo era a razão e a objetividade do dado científico, que prometeu uma realização plena que não veio, deu margens a uma desconstrução das garantias outrora apreoadas e garantidas.

Este artigo teve a ousadia de verificar os impactos desse fenômeno tão averso às certezas, com relação à "Ciência de Deus", amparada em verdades eternas, ainda que em linguagem atenta e sincera abertura aos apelos e exigências dos tempos, nos quais se buscam os sinais de Deus. Esse hercúleo esforço não foi, nem será inútil,

haja vista que a Teologia não pode se furtar de refletir a divina Revelação e comunicá-la ao homem e à mulher do nosso tempo, com atenção às mudanças de época, permanecendo fiel ao patrimônio da fé apostólica e católica, da qual é depositária, sem ser proprietária arbitrária.

Vem à baila uma missão que se desdobra no diálogo e não no monólogo, acontece na fidelidade criativa, sem trair a mensagem e suas exigências, como também na coragem de sair, ir ao encontro, acolher e servir. Há riscos de excessos e até de desvios. Há possibilidades em meio a este grande areópago, em que todas as vozes e falas obtiveram cidadania e podem pleiteá-la. A Teologia, enquanto ministério de pesquisa e ensino, tão caro e peculiar ao mandato de transmitir a verdade e formar discípulos para Cristo Jesus, se vê no compromisso de se especializar cada vez mais, valendo-se dos recursos oferecidos pela interdisciplinaridade e pelas possibilidades oferecidas pelas novas mídias, com seu admirável poder de alcance.

Esse percurso é lento, gradual, exigente e requer paciência, humildade, ousadia apostólica e muita resiliência, ou melhor, longanimidade, isto é, longo ânimo para se lançar neste certame. Bem diferente dos contextos da cristandade, em tempos pretéritos, marcados pelo consenso em torno da fé e com o apoio das instituições, está-se diante de um mundo secularizado, plural, heterogêneo, complexo, sob o signo da provisoriedade, da incerteza e de profunda desconfiança com relação a tudo quanto se propõe e, mais ainda, se arvora ser definitivo, eterno, objetivo, verdadeiro. Ao interno da própria Igreja, é preciso não ceder ante a sedução de querer flexibilizar a mensagem e deixar-se embalar pelo engano de esvaziá-la. É preciso superar toda desconfiança com relação ao poder libertador da verdade, em prol de um consenso. Verificou-se que essa opção seria um desserviço virulento.

Este pequeno artigo objetivou dar uma singela contribuição sobre o assunto, e faço votos de que outros se disponham a abordá-lo sem medo, com criatividade ousada, fidelidade zelosa.

Não o concluo com soluções fáceis, nem

prontas. Talvez tenham restado mais perguntas que respostas. Creio ser inviável alimentar a presunção de trilhar caminhos bem pavimentados ou mesmo velejar nas águas mornas e calmas de um lago tranquilo. A bem da verdade, parece-me que o barco da Igreja está a singrar, como antes o fez, um mar com muitas brumas, nevoeiros e alguns ventos contrários e suas tempestades. A navegação exigirá fortaleza para empreender, sabedoria para discernir e muita fé para viver a fidelidade, na certeza de que o Senhor Jesus que caminhou sobre um mar borrascoso (Mt 14,22-23; Mc 6,45-52; Jo 6,16-21) segue conosco no momento presente, com seus riscos e possibilidades. Ademais, o cristão de fé e, sobretudo o teólogo, não é um crente ingênuo com soluções pretensamente messiânicas, nem um pessimista desesperançado. Antes, será um realista esperançoso porque não tira os olhos do Cordeiro de Deus, ressuscitado, em pé (Ap 5,6), o Cordeiro que está no meio do trono e que nos apascentará e servirá de guia para as fontes vivas das águas (Ap 7,17).

Referências

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. A condição pós-moderna como desafio à pastoral popular. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 53, n. 209, p. 99-113, mar. 1993. Disponível em: <https://revistaeclesiacabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2796>. Acesso em: 19 dez. 2025.

ANSELMO DE CANTUÁRIA. **Monólogo, proslógio, a verdade; o gramático**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção os pensadores).

AZEVEDO, Marcos Antonio Farias de. Pós-modernidade: um olhar sociocultural, antropológico e religioso. **Ciências da Religião – História e Sociedade**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 117-146, 2011. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/3298>. Acesso em: 19 dez. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

BENTO XVI. **Jesus de Nazaré**. Do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

BOEHER, P.; GILSON, E. **História da Filosofia cristã**, 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CASTILLO, José Maria. **Jesus: a humanização de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2015.

CHAGAS, Antonio Marcos. Teologia católica na pós-modernidade e os desafios do relativismo. **Revista Expressão Católica**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 231-238, jul./dez. 2016.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

DUQUE, João Manuel. **Para um diálogo com a Pós-Modernidade**. São Paulo: Paulus, 2016.

FAITANIN, Paulo. O futuro Bento XVI e a denúncia da "ditadura do relativismo"! **Aquinate**, [s. l.], n. 2, p. 419-426, 2006. Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/01-relativismo-revisado.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.

FELLER, Vitor Galdino. Nova era e fé cristã: mútua exclusão!? **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 55, n. 218, p. 338-364, jun. 1995. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.ief.edu.br/reb/article/view/2616>. Acesso em: 19 dez. 2025.

FERNANDES, Margarida Ramires. **Mudança e inovação na pós-modernidade**. Perspectivas curriculares. Porto: Porto Editora, 2000.

FRANCISCO. **Mensagem do Papa Francisco para o LVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 12 maio 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20240124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 17 jan. 2025.

GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar**: a virada hermenêutica da teologia. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

HARNACK, Adolf von. **L'essenza del cristianesimo**. Brescia: Queriniana, 1980.

JOÃO PAULO II. **Address of John Paul II to the members of the International Theological Commission**. Vaticano, 7 out. 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/2004/october/documents/hf_jp-ii_spe_20041007_commissione-teologica.html. Acesso em: 14 out. 2024.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Fides et ratio**: aos bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão. 1998. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em: 20 dez. 2025.

JOÃO PAULO II. **O esplendor da verdade**. Carta encíclica de João Paulo II *Veritatis Splendor*. São Paulo: Paulinas, 1984.

JÜNGER, Eberhard. **Dio, mistero del mondo**: per una fondazione della teologia del Crocifisso nella disputa fra teismo e ateismo. Brescia: Queriniana, 1982.

LIBANIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia**: perfil, enfoques, tarefas. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

NANNI, Carlo. **Educazione e Scienze dell'educazione**. 2. ed. Roma: LAS, 1986.

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. *In*: NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 143-179.

PASTOR, Felix Alejandro. Teologia e modernidade: alguns elementos de epistemologia teológica. *In*: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (org.). **Teologia na pós-modernidade**. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 71-101.

PAULO VI. **Constituição pastoral Gaudium et Spes**. Sobre a igreja no mundo actual. Roma, 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 22 dez. 2025.

PAULO VI. **Decreto Optatum Totius** sobre a formação sacerdotal. Vaticano, 28 out. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatum-totius_po.html. Acesso em: 20 dez. 2025.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Fim do cristianismo pré-moderno**. São Paulo: Paulus, 2003.

RATZINGER, Joseph. **Homilia do cardeal Joseph Ratzinger, decano do Colégio Cardinalício**. [S. l.], 18 abr. 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/gppl/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html. Acesso em: 20 dez. 2025.

SATTLER, Dorothea; SCHNEIDER, Theodor. Doutrina sobre Deus. *In*: SCHNEIDER, Theodor (org.). **Manual de dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 1, p. 53-113.

THEOBALD, Christoph. **A revelação**. São Paulo: Loyola, 2006.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020. v. 1.

VAHANIAN, Gabriel. The otherness of time: secularisation as worlding of the word and the hallowing of time. **Journal for Cultural and Religious Theory**, [s. l.], 1 dez. 1999. Disponível em: <https://jcr.org/archives/01.1/vahanian.html>. Acesso em: 22 jun. 2022.

VATTIMO, Gianni. **La fine della modernità**. Milão: Garzanti, 1985.

Antonio Marcos Chagas

Pós-Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (UMINHO), Braga, Portugal e, por regime de co-tutela, em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professor do Centro Universitário Católica (Unicatólica), Quixadá, CE, Brasil.

Endereço para correspondência

Antonio Marcos Chagas

Centro Universitário Católica

Rua Juvêncio Alves, 660

Centro, 63.000-000

Quixadá, CE, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.